

A FUNÇÃO TESTEMUNHAL NA NARRATIVA LATINO-AMERICANA DE TEMA HOMOSSEXUAL

Prof. Dr. Darío Gómez Sánchez (UFPE)¹

Resumo:

A maior parte dos romances latino-americanos de temática homossexual caracterizam-se pela combinação de dois tipos de referentes: os dados (auto)biográficos ou pessoais e os eventos históricos ou sociais. Essa combinação do pessoal e do social tem sido vista por vários estudiosos como uma propriedade fundamental da narrativa homossexual na América Latina e, conseqüentemente, como um traço diferenciador com relação à tendência predominantemente confessional do romance europeu ou norte-americano. E é precisamente essa mistura de referentes biográficos e históricos o que vai permitir definir a função testemunhal como sendo caracterizadora desses romances. Função testemunhal resultante da identificação por parte do leitor dos referentes e das intenções do autor, ou, por outras palavras, dos princípios de Referencialidade e Intencionalidade.

Palavras chave: romance latino-americano, literatura testemunhal, narrativa homossexual.

1. Entre o confessional e o contextual

Há dois tipos de referentes próprios do realismo narrativo característico dos romances latino-americanos de temática homossexual: os dados (auto)biográficos ou pessoais, relacionados com a situação emocional do narrador ou de um personagem, e os eventos históricos ou sociais, que servem de marco para a (não) realização das práticas homossexuais. No caso em que predominam os elementos biográficos, a problemática individual é o eixo argumental do romance, podendo-se a partir daí falar de uma tendência psicológica ou mental relacionada com a denominada narrativa confessional, e no caso em que predominam referentes históricos, acaba tendo lugar um tratamento sociológico ou cultural do argumento, podendo esta narrativa ser denominada de contextual.

No romance contextual as ações da trama estão enquadradas em episódios históricos reais (entendendo-se a história não só como relacionada com acontecimentos universais ou nacionais, mas também com situações domésticas ou episódios locais) que determinam o desenvolvimento narrativo. Um exemplo disso é *La virgen de los sicarios*, de Fernando Vallejo, no qual a guerra do narcotráfico na cidade de Medellín é o detonador da relação amorosa entre um homem adulto e dois adolescentes

¹ Darío Gómez Sánchez. Doutor em Literatura Comparada (UFRJ).
Professor Adjunto Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

Diferentemente disso, a subjetividade narrativa e a ausência ou relativismo do contexto sócio-histórico são características dos romances confessionais, os quais podem se inscrever dentro do que tem sido conhecido como “literatura íntima”, “gêneros do eu” ou “escritas de si”, que incluem os diários, as memórias e as narrações biográficas e autobiográficas. O exemplo mais evidente dessa subjetividade está em *Orgia*, de Tulio Carela, um extenso monólogo reflexivo, na forma de um diário, de um professor em torno de seus frequentes encontros sexuais.

Constituem casos particulares *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, que conta a trágica história de amor entre um marinheiro, antes escravo fugitivo, e um jovem grumete, e *Arturo la estrella más brillante*, de Reinaldo Arenas, que contém as memórias de um homossexual cubano detido num campo de trabalhos forçados. No texto de Caminha, a narração em terceira pessoa dá o tom objetivo próprio da narrativa contextual, mas põe uma forte ênfase sobre a transformação emocional dos personagens. No texto de Arenas, ainda que também em terceira pessoa, se impõe um tom subjetivo para narrar os delírios do protagonista, mas sem poupar referências à marginalização imposta pelo regime revolucionário. Nesses romances, o confessional se mistura com o contextual sem que nenhum deles seja preponderante.

A bem da verdade, essa mistura do confessional-biográfico e do contextual-histórico está presente, com diversas gradações, em todos os romances destacados. Assim, por exemplo, ainda que em *La virgen de los sicarios* o assunto da guerra do narcotráfico seja definitivo para a evolução do argumento, a história de amor não deixa de ser fundamental, até porque compromete a história pessoal do narrador-autor, identificado como “Fernando”. E em *Orgia*, o predomínio do confessional não deixa de lado a elaboração contextual, que neste caso tem uma orientação mais etnográfica do que histórica, com relação à cultura regional do nordeste do Brasil, desconhecida até então pelo narrador - personagem.

Essa mistura do pessoal e do social tem sido vista por vários estudiosos como uma característica fundamental da narrativa homossexual na América Latina e, conseqüentemente, como um traço diferenciador com relação à tendência predominantemente confessional do romance homossexual europeu ou norte-americano.

É, então, a recorrência aos referentes biográficos e históricos que faz com que seja possível falar de um realismo narrativo, mas é principalmente a mistura de ambos os referentes, e conseqüentemente a inter-relação entre o conflito pessoal e o social, que vai me permitir considerar a função testemunhal como sendo caracterizadora dos romances latino-americanos de temática homossexual.

2. A função testemunhal

No realismo narrativo, próprio dos romances em foco, os referentes da realidade externa obedecem a uma função discursiva particular e contribuem para a configuração do que provisoriamente vou denominar como “veracidade”: uma categoria intermediária entre a verdade da narrativa realista e a verossimilhança da ficção literária. Esse caráter intermediário da veracidade como propriedade do realismo narrativo faz com que seja necessário pensar de outra forma a relação entre o romance e a realidade, e é isso que pretendo denominar como função testemunhal, pois implica não só a identificação dos referentes extra-literários, mas também das intenções do autor, e o reconhecimento da função desses referentes e dessas intenções por parte do leitor.

Obviamente, ao falar em “autor” e “leitor” me refiro a figuras textuais e não a sujeitos reais. O autor e o leitor modelos, como imagens que se definem só no curso e no final da leitura, são os participantes de uma interação que Umberto Eco denomina “pacto ficcional”. Trata-se, nas

palavras do mesmo autor, de uma espécie de princípio de sinceridade ou confiança válido para os mundos narrativos, equiparável ao princípio de verdade válido no mundo real (cf. ECO: 1996, p. 85). Só que no realismo testemunhal, que está a meio caminho entre a verossimilhança que funda o pacto ficcional e a verdade do discurso que se assemelha ao real, esse pacto adquire um caráter especial relacionado com o conceito de veracidade ou efeito de realidade, situando se além da confiança e mais perto da verdade.

Uma variante da teoria do pacto ficcional de Eco é a “Teoria do pacto autobiográfico” desenvolvida por Philippe Lejeune, que apresenta maior proximidade com a hipótese da função testemunhal. Para o teórico francês, o pacto autobiográfico é resultado da verificação de dois compromissos que o autor adquire com o leitor: um pacto de identidade, que consiste em assumir a mesma identidade do personagem-narrador, e um pacto de referencialidade, que consiste em apresentar como realmente acontecidos os fatos narrados (cf. LEJEUNE: 2008, p. 65)

O pacto referencial aparece como sendo relacionável com a caracterização da veracidade como instância intermediária entre a verossimilhança ficcional e a verdade histórica; daí sua aplicabilidade no momento de caracterizar os referentes históricos e biográficos recorrentes nos romances selecionados e, conseqüentemente, a sua função testemunhal. No que diz respeito ao pacto de identidade, definido como identidade de nome entre o autor (cujo nome está estampado na capa), ele terá de ser substituído por um princípio mais relacionado com a intencionalidade, pois é precisamente pela importância da intenção narrativa, pensada no marco da relação entre o autor e o leitor, que pretendo falar, não de pacto (ficcional, referencial ou autobiográfico), mas de função testemunhal.

Assim, eu defino o testemunhal como a função resultante da interação entre o autor e o leitor modelos por meio dos princípios de referencialidade e intencionalidade, ou seja, como a identificação por parte do leitor dos referentes e das intenções do autor. Como o meu objetivo é demonstrar que essa função é a característica primordial dos romances latino-americanos de temática homossexual, procedo agora à especificação dos elementos textuais que permitem sua identificação, e para isso vou recorrer a alguns pressupostos da Linguística Pragmática.

Princípio de Referencialidade

Diferentemente da pretendida classificação inicial de uma narrativa realista partindo da possível relação entre os referentes textuais e a realidade extra-literária, a caracterização da função testemunhal vai depender da identificação de elementos intra-textuais presentes no ato locucionário e relacionados com a condição de veracidade ou princípio de referencialidade. Nesse sentido, inicialmente, é possível demonstrar que os diversos elementos para-textuais, tais como título, dedicatórias, prólogo, notas ao pé da página, apêndices e glossários, têm por função “confirmar o caráter verídico, autêntico, genuíno da testemunha” (KERR: 2008, p.6)

O prólogo de *Hombres sin mujer*, de Carlos Montenegro, é um bom exemplo de como um elemento para-textual contribui para a configuração da veracidade:

Debo decir, antes que nada, que no es mi objetivo el logro de un éxito LITERARIO más o menos resonante, ya que para ser leído con complacencia hubiera tenido que sacrificar demasiado la realidad [...] Bajo este punto de vista considero un deber ineludible describir en toda su crudeza lo que viví. El que acuse estas páginas de inmorales, que no olvide que todo lo que dicen corresponde a un mal existente, y que por lo tanto es éste, y no su exposición, lo que primeramente debe enjuiciarse. (MONTENEGRO: 1938, p. VII, maiúsculas do autor)

Como afirma Victor Fowler a propósito desse prólogo: “Consciente do assunto que conduz, o escritor sente-se obrigado a explicar os motivos de sua eleição; não procura um ‘sucesso literário’ (as maiúsculas indicam que é outro o sucesso que deseja), mas tentará oferecer testemunha.” (FOWLER: 1998, p. 66). O conteúdo e a intenção testemunhal são definidos desde o prólogo e vão determinar o tipo de relação estabelecida entre o autor e o leitor.

Além de ratificar o valor referencial dos elementos para-textuais, no seu amplo estudo sobre o realismo literário Darío Villanueva afirma que “A presença de nomes próprios, históricos ou geográficos, assim como a motivação sistemática destes últimos e os dos personagens, atua à maneira das citações do discurso pedagógico”. (VILLANUEVA, p. 183)

É nesse sentido que os nomes das cidades servem para localizar os relatos em espaços determinados: Rio de Janeiro, Recife, México, Buenos Aires, Nova York, La Havana, Medellín, Santiago e São Paulo. A detalhada descrição do espaço urbano, com suas ruas e seus bairros, está também presente em muitos outros romances. Menos explícita, mas não menos frequente, é a especificação das coordenadas temporais, fundamental para reforçar a relação entre o pessoal e o histórico que caracteriza o tratamento da temática homossexual no romance latino-americano.

Entre os romances destacados, o nome do autor (real) só aparece em *La virgen de los sicarios*, em que o narrador se identifica a si mesmo como “Fernando”. Uma função semelhante cumprem os nomes de Augusto Pinochet, Getulio Vargas, Cardeal Lopez Trujillo, entre outros muitos que aparecem referidos nos romances em causa. Sintetizando o que diz Villanueva, o nome próprio garante a veracidade, independentemente de sua correspondência com a realidade.

No romance de Carella, é evidente que sua referencialidade não está configurada por elementos para-textuais ou pela menção explícita de datas nem nomes próprios, mas há nele uma contínua e detalhada descrição das pessoas e costumes do nordeste brasileiro. Também a minuciosa descrição das ocupações dos marinheiros e dos presidiários em *Bom crioulo* e *Hombres sin mujer*, respectivamente, se acha adequada ao tom naturalista desses romances, mas o detalhamento dos costumes também está presente em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, e *Dulce Veiga*, de Caiu Fernando Abreu, no que se refere às práticas das “tribos” urbanas. Tudo isso pode ser relacionado com as “estratégias emprestadas do discurso etnográfico utilizadas para conceder ao testemunho autoridade, veracidade e transparência”, entre as quais Lucille Kerr também inclui “a transcrição diligente de gravações”, que é o mecanismo fundamental em *El vampiro de la colonia Roma*, de Zapata.

Assim como a reflexão meta-discursiva é abandonada na escrita testemunhal, a linguagem literal ou denotativa torna-se mais presente, revelando-se como própria desse tipo de narrativa. A propósito do assunto, Darío Villanueva afirma que a “ausência de estilo” é a forma pela qual a literatura nos faz acreditar que copia a realidade. A presença do discurso oral no romance contribui para a configuração do efeito de realidade e até pode favorecer a legibilidade, ainda que isso não torne evidente uma ausência de elaboração formal.

Pois bem, os diversos procedimentos que no nível da locução favorecem a veracidade não são suficientes para comprovar a função testemunhal, pois, precisamente, por tratar-se de uma função, é imprescindível a consideração do nível ilocucionário. Daí que à demonstração do princípio de referencialidade seja necessário acrescentar a caracterização do princípio de intencionalidade, pois é a intencionalidade o que outorga sentido à veracidade - e esta, por sua vez, dá sustento à intenção.

Princípio de intencionalidade

Na América Latina, a denominação de literatura testemunhal está vinculada a um conjunto de obras narrativas de conteúdo histórico-antropológico, surgidas no contexto das lutas políticas ocorridas nas décadas de sessenta e setenta do século passado. Tanto pelo contexto histórico como pelas condições políticas que a originam, a narrativa testemunhal tem assumido desde sua origem funções muito específicas relacionadas com a necessidade de contribuir para o conhecimento da realidade histórico-social da América Latina, contando uma história diferente da oficial, servindo-se da mistura entre imaginação e realidade, e registrando uma memória das experiências traumáticas sofridas pelos grupos marginalizados da sociedade, tudo isso com o objetivo de favorecer os processos de identidade e libertação grupal. (cf. BARNET, 1983, p. 13)

No caso específico dos romances de temática homossexual, por tratar-se de uma narrativa realista que mistura o histórico e o confessional com relação às experiências e aos conflitos de personagens freqüentemente excluídos do padrão sócio-cultural, seria possível pressupor que eles assumem essa função de promover a libertação grupal atribuída à literatura testemunhal. No entanto, a análise comparativa dos romances discutidos, partindo dos princípios de referencialidade e intencionalidade, pode colocar em evidência que sua função testemunhal não está necessariamente relacionada com a resistência ao “autoritarismo” ou com a denúncia do “regime patriarcal”, como com tanta presteza se costuma afirmar.

Inicialmente, é possível descartar dessa intenção de libertação e/ou resistência grupal os romances escritos nos começos do século XX, pois neles se apresenta uma visão pejorativa da sexualidade entre homens e, em consequência, o autor modelo não estaria interessado em promover algum tipo de reivindicação social para essa prática sexual. No texto de Carlos Montenegro, a intenção de denúncia dos abusos do sistema capitalista em geral e do sistema penitenciário em particular fica absorvida pela intenção moralizante de apontar “a sodomia” como uma prática degradante entre os presidiários; é nas nefastas consequências dessa prática que se concentra o desenvolvimento e o desenlace do relato. Ainda que mais difusa, porém não menos taxativa, essa intenção moralizante está igualmente presente no romance de Adolfo Caminha, dessa vez no contexto da Marinha. Embora seja verdade que a valorização das práticas homossexuais por parte do narrador de *Bom Crioulo* oscila entre a apologia helênica e a condenação médica (como precisarei no capítulo seguinte), no final, é a visão patológica da homossexualidade a que se impõe, e com ela a condenação moral como intenção narrativa.

O exemplo mais paradigmático desse relativismo da resistência política frequentemente atribuída aos romances de temática homossexual é a obra de Reinaldo Arenas, exemplo também adequado para se distinguirem as diferenças entre as intenções do personagem, do narrador e do autor real com relação às do autor modelo - as quais terão de ser identificadas pelo leitor modelo na realização da função testemunhal. Em *Arturo, la estrella más brillante*, a denúncia da detenção e do fuzilamento do poeta Nelson Rodríguez pelo governo revolucionário aparece como a motivação da escrita para o autor real, segundo o evidenciam a epígrafe e a nota final, analisadas como procedimentos para-textuais que contribuem para o efeito de realidade. Já no interior do relato, a intenção de denúncia aparece brevemente expressa nos objetivos iniciais do personagem. Só que, posteriormente, perante a impossibilidade de se rebelar, Arturo decide evadir por meio da fantasia sua cruel realidade. De sua parte, a intenção do narrador – com foco interno no personagem, como foi mencionado- pode ser identificada como a de acompanhar os processos de compromisso-evasão e de salvação-condenação que sofre Arturo, pois a única função desse narrador é, precisamente, registrar essa evolução. Mas a intenção do autor modelo pode ser expressa no sentido de evidenciar o processo de deterioração de uma sociedade, na qual a perseguição aos homossexuais e a morte de Arturo são só uma parte. Ou seja, a denúncia do abuso de poder de que são vítimas os homossexuais

é só uma intenção inicial do autor real e do personagem principal, mas ela desaparece durante o transcorrer do relato, ou melhor, fica subordinada à intenção global do autor modelo (resultante da fusão das intenções parciais do autor real, o narrador e o personagem) de evidenciar os processos de deterioração individual e social que começam com a chegada do governo revolucionário. É possível pensar que a explicitação desses processos funcione como uma denúncia ou crítica política à revolução, mas nesse caso não é a marginalização do personagem homossexual a origem ou o motivo dessa crítica, pois, de fato, ele acaba aceitando como previsível e inevitável sua reclusão, sem questionar os pressupostos (os preconceitos) que a justificam. É nesse sentido que é possível afirmar que a função de denúncia atribuída à temática homossexual na obra de Arenas é só aparente ou, quando muito, parcial.

E é também nesse sentido que não parece possível falar de resistência homossexual nos romances posteriores ao descobrimento da AIDS, pois, como já foi advertido, neles a temática homossexual não é o assunto central, razão pela qual não participaria da definição da intenção global da narrativa. Assim como a revolução na obra de Arenas acaba fuzilando o homossexual, o narcotráfico na obra de Vallejo acaba assassinando seus jovens amantes; mas não é a denúncia dessas mortes a intenção primordial desses romances (até porque essas mortes não estão relacionadas com a homossexualidade dos personagens), e sim evidenciar as relações entre uma história pessoal (com final trágico) e a História num sentido mais amplo.

É essa intenção de relacionar a História nacional com a história pessoal que se faz evidente nos romances de Reinaldo Arenas, Fernando Vallejo e Pedro Lemebel, fato que permite reforçar a afirmação inicial da mistura entre o confessional e o contextual como característica da temática homossexual no romance latino-americano. Só que nessa mistura, a história pessoal (do personagem/relacionamento/condição homossexual) não está em conflito com a História nacional (cifrada na revolução/guerra/ditadura), ou seja, não aparece gerando oposição à marginalização, denunciando os abusos de um sistema ou questionando os fundamentos da exclusão. Nesses romances, a história pessoal é só mais um episódio da História nacional, episódio em torno do qual se concentra a narrativa, mas do qual não é possível inferir uma intenção de denúncia ou resistência originada no relato das práticas homossexuais.

A mistura do contextual e do pessoal também está presente em *Stella Manhattan*, de Silviano Santiago, em que o anonimato das práticas sexuais de um grupo de brasileiros exilados nos Estados Unidos durante a ditadura acaba causando, como em *El beso de la mujer araña*, de Manuel Puig, a morte do protagonista. Mas essa intenção de relacionar a história nacional e a história individual aparece rarefeita pelas reflexões que um narrador em conflito faz, entre outros motivos, sobre o ato da escrita.

E se Puig tenta promover uma reflexão sobre a identidade sexual e Santiago chega a esboçar uma breve reflexão sobre a escrita, Carella consegue desenvolver uma extensa reflexão sobre diferentes tópicos relacionados com a vida e a sexualidade: a cultura brasileira, a pedagogia universitária, o fazer teatral e, especialmente, a natureza dos negros (“Que é um negro?” é uma pergunta reiterada durante todo o relato) são alguns dos temas que ocupam a narração do autor argentino e que contribuem para justificar suas práticas homossexuais.

Do mesmo modo, a reflexão, mas dessa vez sobre a vida e a solidão, parece ser o objetivo nos romances de Caio Fernando Abreu e Luis Zapata: no primeiro, a pergunta pelo desaparecimento de uma cantora funciona como pretexto para iniciar uma cogitação existencial por parte de um jornalista desempregado, e no segundo, a intenção reflexiva do personagem fica subordinada à intenção jornalística do autor modelo, que poderia ser expressa em termos de destacar a vida e os fatos de um sujeito trivial.

Como acontece nos demais relatos, a história pessoal aparece como mais um episódio da História geral, e em nenhum desses romances é possível identificar um conflito entre essas duas histórias originado pela condição homossexual, o que permitiria falar de uma função de resistência como intenção global.

Em síntese, é interessante notar que as intenções narrativas identificadas podem ser historicamente relacionadas: nos romances fundadores prima a intenção moralizante (Caminha e Montenegro), parecendo logo depois impor-se a reflexão sobre diversos assuntos (Carella, Santiago, Zapata, Puig), e nas últimas décadas do século XX se impõe definitivamente a tendência a relacionar os fatos históricos e pessoais (Arenas, Vallejo, Lemebel, e também Puig), ficando por fora dessa cronologia a reflexão pseudo-existencial de Abreu, cuja precária intencionalidade pode ser relacionada com seu escasso conteúdo referencial.

Em relação com o agrupamento dos romances em três atos genéricos e para concluir a caracterização do princípio de intencionalidade, quero introduzir a noção pragmática de macro-ato. Na distinção entre macro-ato e micro-ato de fala, o primeiro determina a totalidade do discurso, o segundo meramente caracteriza as orações individuais. Neste caso, pode ser considerado como oração cada um dos romances, e como macro-atos os conjuntos ilocucionários estabelecidos - moralizar, refletir, relacionar - os quais, por sua vez, permitem propor um macro-ato genérico ou ato-global que pretende sintetizar a intenção geral dos romances destacados. Em concreto, essa intenção pode ser expressa da seguinte maneira: tornar visíveis ou verbalizar algumas características relacionadas com as práticas homossexuais num contexto histórico particular.

Essa intenção global pode ser relacionada com um dos objetivos atribuídos por Barnet à literatura testemunhal, que é o de favorecer a expressão de minorias. Ou seja, ao expressar as características e circunstâncias das práticas sexuais intermasculinas, esses romances estariam oferecendo uma evidência de sua existência. Talvez nesse sentido se pudesse falar de uma função de “denúncia” ou “resistência”, de modo que essas narrativas conseguiriam dar conta da vivência de uma sexualidade fora do padrão heterossexual; só que essa existência é expressa nos termos e nas condições do sistema sócio-cultural que propicia a discriminação do homossexual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Caio Fernando: *Onde andaré Dulce Veiga?* Rio de Janeiro: Agir, 2007 [1990]
- ARENAS, Reinaldo: *Arturo, la estrella más brillante*. Barcelona: Montesinos, 1984 [1971]
- BARNET, Miguel: “La novela-testimonio: socioliteratura” In: *La fuente viva*. La Habana: Letras cubanas, 1983. Ps. 9-40
- CARELLA, Tulio: *Orgia. Diário primeiro*. Rio de Janeiro: José Alvaro Ed. 1968
- CAMINHA, Adolfo: *Bom-Crioulo*. São Paulo: Martin Claret, 2003 [1895]
- ECO, Umberto: *Seis paseos por los bosques narrativos*. Trad. Helena Lozano. Barcelona: Lumen, 1996
- FOWLER, Víctor: *La maldición: una historia del placer como conquista* La Habana: Letras Cubanas, 1998.

GÓMEZ S., Darío: *Pervertidos, bichas e entendidos. Identidade homosexual no romance latinoamericano*. Recife: EdUFPE, 2012.

KERR, Lucile: *Estrategias de autorización, textualización y validación en la novela-testimonio*. Disponível em: www.espanol.ch/lenya/espanol/live/ensenansa/informaciones/exámenes/modelo_1_NF.pdf (Acesso em 29/07/2008)

LEJEUNE, Philippe: *O pacto autobiográfico*. Trad. Jobita M. Yerheim e M. I. Coimbra. Bello Horizonte: UFMG, 2008 [1975]

LEMEBEL, Pedro: *Tengo miedo torero*. Santiago: Seix Barral, 2002 [2001]

MONTENEGRO, Carlos: *Hombres sin mujer*. México: Massas, 1938

PUIG, Manuel: *El beso de la mujer araña*. Buenos Aires: Booket, 2007 [1976]

SANTIAGO, Silviano: *Stella Manhattan*. Rio de Janeiro: Rocco, 1991[1985]

VALLEJO, Fernando: *La virgen de los sicarios*. Buenos Aires: Suma, 2002 [1994]

VILLANUEVA, Darío: *Teorías del realismo literario*. Madrid: Biblioteca Nueva, 2004.

ZAPATA, Luis: *Las aventuras, desventuras y sueños de Adonis García, el vampiro de la Colonia Roma*. México: Grijalbo, 1972